

ANÁLISE DO DISCURSO DE ADOLESCENTES MORADOR@S DE RUA DE BELO HORIZONTE SOBRE IMAGEM CORPORAL E RELAÇÕES DE PODER

Adenilson Idalino de Sousa
Universidade Gama Filho

Hugo Rodolfo Lovisolo
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Resumo: O objetivo deste estudo é descrever a auto-representação de adolescentes moradores de rua e analisar como esta auto-representação molda papéis nas relações do cotidiano. Por meio da observação qualitativa focalizamos os discursos dos informantes e suas práticas sociais. Os instrumentos para a coleta de dados foram o roteiro de entrevista e o diário de campo, com observações e descrições do ambiente pesquisado. Utilizamos a proposta de Goffman (1988) e da análise de discurso crítica (Rezende & Ramalho - 2006) para interpretar os sentidos da imagem corporal e suas formas de "uso" nas relações sociais. Destacamos a dificuldade de formação da auto imagem no universo da rua, lugar em que o corpo é utilizado como recurso para garantir a sobrevivência física e moral dos personagens que nela se encontram.

Palavras-chave: adolescentes moradores de rua; imagem corporal; vitimização; análise de discurso crítica.

Introdução

Neste artigo¹ identificamos e analisamos a autorrepresentação construída por meninas e meninos de rua (doravante adolescentes²) e verificamos como esta autorrepresentação se ajusta às situações do cotidiano da vida na rua, revelando traços de poder exercidos nesse contexto. Investigamos também a utilização do corpo como meio de sobrevivência física e moral. Concentramos nossa análise nos discursos produzidos pelos informantes.

Apresentamos a “vida na rua” na perspectiva desses moradores, para caracterizar o ambiente e apresentar as principais causas e consequências da permanência desse segmento social, em fase de desenvolvimento físico e moral, neste espaço. Apresentamos a amostra da pesquisa e examinamos as falas dos entrevistados na perspectiva da Análise de Discurso Crítica – ADC. No primeiro momento, analisamos as relações de poder e a formação da imagem corporal, por meio da categoria intertextualidade – significado acional. No segundo momento da análise, utilizamos a categoria denominação – significado representacional, com o objetivo de evidenciar as mesmas relações e a formação da imagem corporal na rua.

A vida na rua

Para João do Rio (1900), a *rua* é muito mais que um local de passagem, um alinhado de fachadas. Segundo ele, a rua tem alma. Esta alma, de alguma forma, é composta pelas várias almas dos transeuntes, observadores, moradores, que por ela circulam ou nela vivem. A rua, lugar de poetas, boêmios, polícia, assistência social, entidades religiosas, atrai também pesquisadores, dando um novo significado a este espaço como também aos adolescentes que fazem dele o seu local de vida, sobrevivência e moradia.

A rua propicia o agrupamento de tipos idênticos, grupos de pessoas desconhecidas, que passam a compartilhar as roupas, a comida, a droga, o dinheiro. Pode se tornar o emblema deste grupo, dar pertencimento aos que a nada

¹ Este artigo foi elaborado a partir do capítulo de análise dos dados da dissertação de mestrado intitulada “A imagem corporal e seus reflexos no processo de inclusão e exclusão social de adolescentes moradores de rua de Belo Horizonte - Minas Gerais” apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, em que são analisadas, da perspectiva dos significados acional e representacional, conforme a proposta de Fairclough (2003), a entrevista de um menino morador de rua e de cinco meninas moradoras de rua, todos da cidade de Belo Horizonte.

² Estamos utilizando o termo “adolescentes” para englobar o menino e as cinco meninas que constituem o *corpus* deste estudo, pelo fato de servir para ambos os sexos e porque todos os informantes são maiores de 13 anos.

pertencem. Quando uma menina diz “sou da Cristiano Machado”³ ou “sou das Andradas”,⁴ fala frequente escutada por educadores sociais, entendemos por que é tão difícil tirá-la daquele lugar. Ela a identifica e até mesmo direciona o trabalho das ações públicas e privadas, tornando-se ponto de abordagens de polícia, educadores sociais e ONG’s. A rua torna-se um local de pertencimento e identidade próximo, implica um espaço de intimidade.

O espaço da rua chama a atenção pela rotatividade de sua população. O número de adolescentes que chegam na rua e que dela desaparecem caracteriza a rua como espaço que recebe e ao mesmo tempo “expulsa” a população que a utiliza como estratégia para sua sobrevivência.

Estar na rua impõe correr riscos pessoais, físicos e psicológicos, na interação com outros atores da rua, que atinge a todos aqueles que a ocupam, não importando se crianças, adolescentes ou adultos. A organização desses sujeitos na rua, como forma de agir, de resistência e de defesa, decorre em parte da estratégia que utilizam para o enfrentamento dos desafios e das ameaças que vivenciam nesse espaço. Adolescentes que moram na rua aprendem desde cedo a não delatar os companheiros, a dividir os ganhos dos furtos, a droga, a comida, a obedecer aos mais fortes. Uma das práticas mais temidas pelas meninas de rua se refere à “ronda”⁵ que se dá quando ela “vacila”⁶ em algum ponto tido como importante na “cultura da rua”. Os meninos também são “cobrados”⁷ quando vacilam, e a aceitação dessa violência é uma condição na busca pela sobrevivência nas ruas.

O dinamismo, a aventura, o assistencialismo e a diversão que a rua oferece – citado por adolescentes moradores de rua como fatores que colaboram para a permanência na rua – contrasta com o ambiente da casa e do bairro de onde se originam estes jovens, marcados principalmente por uma carência de recursos materiais e também pela falta de estímulos e perspectivas de futuro. O fio da rua é tecido com aventuras e, também, com desventuras.

³ Cristiano Machado é o nome de uma importante avenida da cidade de Belo Horizonte – MG

⁴ Nome de uma rua da cidade de Belo Horizonte – MG, conhecido ponto de moradia de meninos em situação de vida na rua.

⁵ A “ronda” era uma prática observada nas ruas de Belo Horizonte no início da década de 1990. Hoje, a violência sexual contra a menina continua acontecendo no interior dos grupos, mas isso não se constitui numa prática coletiva e sim individual, sendo o agressor muitas vezes punido pelos próprios companheiros.

⁶ Segundo a fala de um menino morador de rua, é considerado “vacilo” por parte das meninas a traição do namorado, a perda de algum objeto deixado em seu poder (geralmente são as meninas que guardam o produto do furto) ou o fato de a menina “entregar” alguma “parada” planejada ou praticada pelos meninos.

⁷ Ser cobrado significa sofrer alguma punição física por ter feito algo considerado errado pelo grupo ou algum integrante.

A imagem da criança na rua, livre, solta, é criada a partir de uma visão romântica da rua que não vê o “outro lado”, o que faz com que os mais fortes subjuguem os mais fracos, fazendo com que estes se tornem alvos de exploração e violências diversas. Apesar de tais violências, os adolescentes moradores de rua não se adaptam às regras dos abrigos ou mesmo da sua casa – não usar droga, não poder passear na hora que quiser, assumir responsabilidades, tais como, estudar, trabalhar –, preferindo permanecer na rua, lugar em que goza de todos esses “prazeres”.

Adolescentes moradores de rua

A existência de adolescentes morando na rua relacionada às condições econômicas e sociais do Brasil pode ser interpretada como indicador de um processo de decomposição social da família. Com efeito, a deterioração do relacionamento no interior da família pode levar a criança e o adolescente a deixar suas casas e ir para a rua, comprometendo uma etapa fundamental para o seu desenvolvimento físico, mental e social. Este enfraquecimento pode surgir a partir da incorporação das relações estabelecidas nos grupos da rua. Quanto mais tempo se passa na rua, mais difícil fica o retorno para a casa.

A interação da miséria, o abandono familiar, a falta de trabalho como fonte de subsistência pode levar adolescentes para a rua. Esse contingente se apropria do espaço urbano público e se afasta de instituições socializadoras, tais como a família, a escola e o abrigo, tornando-se um *outro*, deslocado, problemático, hábil usuário e conhecedor dos serviços da rede de atendimento social, tentando manipular seus diferentes atores para conseguir o que deseja.

Identificados por andarem sujos, descalços, drogados, temidos por suas atitudes e possuidores de um jargão específico, que lhes garante acesso a certos grupos e locais e os afasta de outros, passam a suprir suas necessidades básicas utilizando a teatralização como estratégia de sobrevivência – são vítimas quando precisam parecer vítimas e agressores quando a coerção é o meio para conseguirem o que querem – e diversão – por ser uma fonte de prazer, um jogo de simulações. Essa teatralização, que pode ser observada na dinâmica de adolescentes moradores de rua, torna-os fortes, aptos a viverem na rua, lugar que apresenta situações diferentes a cada momento e implica a manipulação de soluções e estratégias na luta pela sobrevivência física e moral. Mas pode ser também observada em outras relações do cotidiano, por meio de outros atores sociais – políticos, professores, vendedores –, que a utilizam com o mesmo objetivo.

À medida que se repetem tais situações e o adolescente já assimilou aquela solução, apresenta-a com mais convicção e naturalidade. Vivendo na rua, acrescenta ou amadurece o repertório de representações que são utilizadas a cada momento, sem que o adolescente morador de rua tenha consciência disso. Goffman utiliza o termo “representação” para referir a toda atividade de um indivíduo que passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência (2007, p. 29). Entendemos *representações*, no mesmo sentido de Goffman, ou seja, como as simulações desempenhadas pelos atores sociais, nesse caso, adolescentes moradores de rua, diante de outros indivíduos, com o objetivo de conseguir o que deseja: dinheiro, comida, provocar medo.

Adquirem seus gestos, falas, modo de vestir e andar de seus pares seja da comunidade de onde vieram ou do grupo com que convivem na rua, formado por integrantes que advêm da mesma dura realidade social. Quanto mais “solto”, “largado”, “folgado”, mais apto se está para viver na rua. Vivem geralmente em grupos, que se localizam em bairros próximos do centro da cidade, onde normalmente organizam suas “quebradas”⁸ com cobertores e papelões. Deixam o espaço em que dormem bem sujos, causando problemas com os comerciantes, moradores e transeuntes locais. Também se apropriam de prédios, casas e lojas abandonadas. Poucos dormem na área mais central da cidade.⁹

Com o tempo, a maioria começa a roubar objetos, tais como relógios, celulares e carteiras; a se envolver com o tráfico de drogas; arrombamentos; assaltos a mão armada. O uso da droga também aumenta com o tempo passando do *tíner* e cola de sapateiro para a maconha, o *crack* e a cocaína, passando muitas vezes do consumo para a venda.

Nossos informantes afirmam que roubam quando não ganham o que pedem. A prática do roubo ou da prostituição é algo de que eles não gostam de falar; contudo, admitem o uso de droga, explicitando sua vontade de parar e que são informados sobre o mal que as drogas causam. Entre os motivos que justificam o uso da droga estão o alívio da fome, do frio e o medo, mas sabemos que a “viagem” e os estímulos psicológicos e fisiológicos proporcionados pelo uso da droga, são fatores importantes que levam estes sujeitos ao uso contínuo de droga e também à não permanência em casa ou nos abrigos.

Podemos afirmar que esses jovens, mesmo em situação de vida na rua, continuam alimentando desejos e sonhos. Na rua, suas necessidades são

⁸ Local em que ficam, residem e dormem em grupos, se abrigam da chuva e do frio.

⁹ A área central é muito vigiada tanto pela polícia quanto por guardas municipais em Belo Horizonte – MG.

supridas de forma concreta ou simbólica, marcadas pela submissão, pela violência e pela perversão das regras sociais.

Análise do discurso de adolescentes moradores de rua

As seis entrevistas aqui analisadas foram realizadas no período compreendido entre maio de 2006 e maio de 2007. O menino e as cinco meninas entrevistados são moradores de rua da cidade de Belo Horizonte, integrantes de “quebradas” distintas, mas todos frequentadores do Programa Miguilim¹⁰ – da Secretaria Municipal de Assistência Social da Prefeitura de Belo Horizonte. A média de idade dos informantes é de 15 anos, a maioria é de etnia negra e possui grau de escolaridade baixo, sendo que nenhum conseguiu concluir o ensino fundamental. Todos advêm de família pobre e a obrigatoriedade de trabalhar, estudar, “ajudar” em casa, foi um dos motivos que fizeram com que esses adolescentes viessem morar nas ruas. Começaremos nossa análise pela categoria analítica intertextualidade – significado acional.

Significado acional

O significado acional, aqui apresentado, foi analisado por meio da categoria intertextualidade discutida em Fairclough (2003) e Resende & Ramalho (2006). Revelamos a relação entre as vozes alheias presentes nas entrevistas com as vozes dos entrevistados, observando a relação de aceitação (incorporação) ou recusa (distanciamento) do foi dito.

A intertextualidade é a combinação da voz de quem pronuncia um enunciado com outras vozes que lhe são articuladas. Um exemplo de intertextualidade é a citação, que revela a presença de elementos atualizados de outro texto em um texto (FAIRCLOUGH, 2003, p. 39). Uma questão inicial no estudo da intertextualidade em um texto é a verificação de quais vozes são incluídas e quais são excluídas, isto é, que ausências significativas podem ser observadas. A relação entre essas vozes pode ser harmônica, de cooperação, ou pode haver tensão entre o texto que relata e o texto relatado. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 66)

A representação do discurso não é uma mera questão gramatical, ao contrário, é um processo ideológico cuja relevância deve se considerada. Analisar em textos que vozes são representadas em discurso direto e em discurso indireto e quais as consequências disso para a valorização ou depreciação do

¹⁰Programa que presta atendimento aos adolescentes moradores de rua de Belo Horizonte e sua região metropolitana, por meio de esportes, jogos, brincadeiras, atividades circenses, percussão, artes.

que foi dito e daqueles(as) que pronunciaram os discursos relatados no texto pode lançar luz sobre questões de poder no uso da linguagem. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 67)

Por meio da observação das escolhas linguísticas feitas pelos adolescentes para representar o discurso do outro, foi possível analisar se estes concordam, discordam ou polemizam estes discursos e verificar também o engajamento com estes atores sociais.

Relações de poder

Nas entrevistas, em vários trechos, verificamos a presença de vozes que legitimam relações de poder. Os adolescentes, por meio de seus discursos e da utilização de vozes alheias para representar momentos e situações vividos em casa e na rua, utilizaram discursos de oponentes representados por eles como “agressores” para justificar sua auto-representação como “vítimas”.

Os trechos abaixo ilustram relações de poder e vitimização vividas pelos adolescentes entrevistados neste estudo:

1. [...] a policial pegou e puxou o cabelo de outra menina, da pequena, e aí a pequena pegou e começou a chorar reclamando, aí a policial mandou ela tomar no cu, aí era o direito da pequena, porque se eles não aceita que nós manda, por que eles vão mandar? [...]

Neste exemplo, podemos perceber que a informante apela para a moralidade do discurso. Ao utilizar um discurso da polícia – que, segundo o discurso moral, são aqueles que defendem a população –, transmite uma representação da polícia com base na agressão e no xingamento de uma policial, questionando o *papel social* desta instituição. Essa articulação de discurso serviu ao propósito de negar a representação da polícia como a mantenedora da ordem social e atenuar a representação de adolescentes que moram na rua, como perturbadores da ordem. Com isso, tenta convencer sobre seu papel de vítima diante de uma “polícia” agressora, intimidadora, visando aumentar sua aceitação social.

2. [...] Não, não tinha não, mas só que eles falavam que era o Luis Paulo, porque todo mundo tinha medo dele e tal, mas só que lá não tinha ninguém que comandava não, porque lá era um por todos e todos por um, não tinha esse, “ah, eu sou o patrão e coisa e tal”, mas todo mundo lá falava que era o Luis Paulo, que o Luis Paulo era folgado... todo mundo tinha medo dele (do líder) porque ele falava que brigava demais e todo mundo tinha um certo medo, dele pegar, machucar e fazer alguma coisa [...]

No exemplo 2, podemos observar outra relação de poder. Por “brigar demais”, o líder impõe medo e legitima seu poder diante dos colegas do grupo. Segundo a informante, o líder era muito “folgado” e mandava os outros fazer as coisas e os outros obedeciam como cachorrinhos e faziam. Os “outros”, categoria em que também está incluída, são as vítimas do poder do mais forte e a utilização desse discurso é uma tentativa de se convencer de que se o líder não fosse dotado de força física, não seria respeitado, e por isso não reconhece que o grupo a que pertence possui um líder (figura dotada de respeito), e sim um intimidador, agressor.

3. [...] pode ir embora, eu não quero você na minha casa mais não [...]

No exemplo 3, observamos por meio da utilização da fala da avó por uma adolescente moradora de rua, que a jovem quis representá-la como sendo uma das responsáveis por sua situação de vida nas ruas. Dessa maneira, reforça seu papel de vítima e se exime de explicar por que vive nas ruas e por que não volta para casa – pergunta frequente a que tem de responder.

Imagem corporal

Entende-se por imagem corporal, para os efeitos deste artigo, a maneira como vemos mentalmente nosso corpo, como o representamos. Engloba as formas pelas quais um indivíduo experiencia e conceitua o seu próprio corpo. Deve ser compreendida como um fenômeno estruturado no contexto da experiência existencial e individual do ser humano, em um universo de inter-relações entre imagens corporais.

Schilder (1980) enfatiza que a imagem corporal não é apenas uma construção cognitiva, mas um reflexo dos desejos, das emoções e das interações com os outros indivíduos. A imagem corporal envolve uma experiência do corpo ligada às experiências anteriores, assim como aos desejos para o futuro. A imagem corporal é inseparável da realidade circunstancial de cada momento e da individualidade de cada pessoa.

Segundo Stoer & Magalhães (2004), mais recentemente, tem sido usado o termo “imagens corporais”, designação que procura mostrar que não existe uma imagem corporal única e constante em todos os momentos, dado que, dependendo de vários fatores, poderemos constatar a existência de diferentes imagens.

Existe, em termos psicológicos, uma forte ligação entre as imagens corporais e a forma como o indivíduo se avalia e se percebe em geral. As imagens

corporais que esses indivíduos tem de si mesmos são influenciadas pelo meio social. Suas ações não se dissociam do que vê, lembra, sente, acredita e pensa (STOER; MAGALHÃES, 2004).

Nas entrevistas analisadas observamos "outras vozes" presentes nos discursos formadores da imagem corporal dos adolescentes. Algumas vozes reafirmam uma imagem corporal idealizada, desejada socialmente e outras tentam negar a imagem construída para adolescentes que moram nas ruas. Apesar do desejo de aceitar ou negar tais discursos, é difícil captar quais são as representações de adolescentes que moram na rua, que precisam montar uma auto imagem de acordo com cada situação.

Abaixo destacamos alguns trechos das entrevistas que foram analisadas para captar as imagens corporais dos informantes. Dividimos os discursos em três categorias: discursos dos que estão morando na rua; discursos dos que já moraram na rua e hoje moram em abrigos; e por fim, discursos legitimadores da casa como o lugar do cuidado do corpo.

Os que moram na rua

Consideramos moradores de rua os sujeitos que passam o dia todo na rua, se alimentam na rua e, por fim, dormem na rua. Eles raramente vão até a casa onde morava, que não tomam banho diariamente, não trocam de roupa, raramente lavam as roupas que possuem. Se alimenta das doações dos outros ou dos furtos e coerções que pratica. Usa drogas e fica perambulando durante o dia pela cidade, buscando a sua sobrevivência. Sua imagem corporal é difícil de ser formada, pois vive respondendo ao ambiente em que está inserido. Através da análise dos exemplos 4 e 5, podemos verificar que a imagem corporal idealizada pelos adolescentes moradores de rua estão fundamentadas no *cuidado* com o corpo e imagem corporal:

[...] *Pentear cabelo, tomar banho, arrumar, ficar cheirosinha (risos), fazer unha (risos) pra mim é isso [...]*

Podemos perceber que a fala da adolescente moradora de rua está influenciada pelas falas difundidas por aqueles que gozam da oportunidade dos cuidados acima descritos, ou seja, a importância dada ao ato de pentear o cabelo, tomar banho e ficar cheirosinha só pode ser dita por aqueles que gozam destes cuidados. Ao pretender possuir esta imagem corporal, a adolescente moradora de rua busca sua aceitação social ou talvez apenas repita aquilo que sabe que o entrevistador quer ouvir.

Sabe que sofre preconceito pela sujeira impregnada no corpo, nas roupas, no cheiro, nas unhas e que estes fatores a impede de se sentir "igual" às outras jovens, incluída. Acredita que com estes cuidados perderá os atributos adquiridos com a condição de vida nas ruas e ganhará os atributos que garantirão sua aceitação social.

4. [...] Ah, quando passa alguma menina, as meninas ficam olhando assim, nó, eu fico com a maior vergonha, na rua, todo sujo, as meninas passa e fica olhando nó, aquele dali deve é o maior mendigo. Aí assim eu me sinto feio, todo sujo, as meninas só ficam [...] parece que a gente tá cagado [...]

Analisando a fala do adolescente de rua, percebemos que este se sente feio, estigmatizado por perceber que o seu corpo está sujo. Esta percepção se dá na maioria das vezes quando este entra em contato com os olhares e falas dos outros. Então sua imagem corporal está fundamentada no olhar excludente do outro, e influenciado pelo distanciamento da sua imagem corporal e das imagens corporais que o rodeiam na rua. Ao utilizar o exemplo da figura do "mendigo" para identificar sua imagem corporal, o adolescente conhece os atributos do "mendigo" – sujo, feio, mal vestido –, e, conseqüentemente sofre por perceber que possui esses mesmos atributos.

O cuidado com o corpo para aqueles que moram nas ruas é muito precário devido à falta de condições para a garantia desse cuidado. Na rua, esses jovens não possuem condições de tomar banho diariamente, de usar roupas limpas após o banho. Por isso, a imagem corporal idealizada/aceita está muito distante da imagem corporal percebida quando entram em contato com seus corpos, mesmo que por meio do olhar do "outro". Ao serem questionados sobre como percebem seu corpo, transmitem a imagem de um corpo que precisa de cuidados que a vida na rua não permite ter.

Os que moravam na rua e atualmente moram no abrigo

O abrigo para os moradores de rua é a primeira investida de retorno ao "mundo da casa". É um espaço que possui profissionais capacitados para trabalhar com o público que recebe e com as questões que estes trazem. Muito diferente da casa de origem deste jovem, que muitas vezes não está preparada para recebê-lo diretamente da rua. No abrigo, há a garantia do cuidado com o corpo – banho diário, roupas limpas, uso de desodorante, creme de cabelo – o contato com regras, horários, direitos, deveres. Não há a necessidade de pedir ou roubar para se alimentar e tudo isso contribui para a formação de uma nova imagem corporal desses sujeitos. A mudança proporcionada pela moradia no

abrigo pode ser percebida nas falas de algumas informantes deste estudo, que moravam no abrigo no momento da entrevista:

[...] *ser bonita não é só ser bonita por fora e tem que ser bonita por dentro. Eu não me acho bonita por fora, mas por dentro eu acho, eu acho que eu tenho muitas qualidades, por fora eu posso não ter, mas por dentro eu tenho muitas qualidades [...]*

[...] *Ficar mais bonita? Ah, a gente tem que ser humilde, compreender mais as pessoas, entendeu? [...]*

Comparando esses discursos com os analisados anteriormente, verificamos que as características valorizadas para se ter uma imagem corporal positiva são da ordem da *interioridade* do sujeito e não da *exterioridade* – aquilo que se vê num primeiro momento. Isto se dá porque o primeiro processo de inclusão – cuidado do corpo – é garantido quando um morador de rua vai para o abrigo, permitindo que esses adolescentes possam desejar mudanças menos “superficiais” na sua imagem corporal.

Percebemos também que tais falas estão moldadas pelo discurso dos educadores presentes nos abrigos e pela nova rede de interação social a que estes adolescentes têm acesso, preocupados em promover a transição do adolescente da rua para a casa.

5. A gente tem que ser asseadas, entendeu, mulher tem que ser asseada, me arrumo para mim mesma [...]

Neste exemplo, uma das jovens reproduz o discurso do cuidado com o corpo, discurso que deve ouvir diariamente por morar em um abrigo em que permanecem apenas mulheres, cuja característica é valorizar o cuidado com o corpo e a aparência. Esse cuidado com o corpo também proporciona às adolescentes do abrigo uma relação social baseada na fala, pois elas conseguem se aproximar e conversar com os outros, enquanto que, quando moravam na rua, as relações eram baseadas na troca de olhares, marcadas pelo distanciamento. Sabe-se que os corpos se modificam por efeito do que se diz sobre eles e do lugar social que se produz para eles a partir das trocas discursivas que procuram mudar ou reforçar um modo diferenciado de ver e de perceber o próprio corpo.

Nos termos de Goffman, “A característica central da situação de vida do indivíduo estigmatizado pode, agora, ser explicada. É uma questão do que é com frequência, embora vagamente, chamado de “aceitação”. Onde tal conserto é possível, o que frequentemente ocorre não é a aquisição de um *status* completamente normal, mas uma transformação do ego: alguém que

tinha um defeito particular se transforma em alguém que tem provas de tê-lo corrigido (GOFFMAN, 1988, p. 18).

Ao adentrar num abrigo, ir para uma escola, para um curso profissionalizante – acessos proporcionados aos que moram no abrigo e negado aos que moram na rua –, os adolescentes passam a respeitar um modelo moral estabelecido pela sociedade, que dita como falar, andar, se comportar em determinados lugares, e, com isso, iniciam um processo de re-inclusão social, pelo simples fato de se enquadrar no modelo pré-estabelecido socialmente, modelo antes questionado, por estarem na condição de vida nas ruas.

Rua versus casa

Analisando as falas dos informantes, perceberemos que estes afirmavam que para se ter uma imagem corporal positiva era necessário sair da rua e retornar para casa ou para um abrigo, conforme os discursos abaixo:

6. [...] Porque dentro de casa não tem jeito de ficar mexendo com drogas na frente dos parentes, mesmo que eles mexem, apesar, eles acha que eu sou a mais nova, eles não vão aceitar [...]
7. [...] porque dentro de casa você só... como, durmo, pega um corpo melhor, aí eu vou mudar meu corpo todo [...]"
8. [...] Agora, eu me sinto bem, mas não tão bem como se eu tivesse dentro de casa [...]

Analisando as falas, percebemos que para as informantes a casa é o lugar do cuidado, da proteção, se contrapondo à rua, lugar da luta pela sobrevivência, do uso de drogas livremente. Ao valorizar o direito de dormir e comer – necessários para “pegar um corpo melhor” –, garantido na casa, e muitas vezes negado na rua, elas marcam bem a oposição destes dois espaços. Na rua, não se dorme direito por temer que os “outros” façam alguma maldade e não se alimenta direito porque dependem da bondade alheia, e, por isso, o corpo e, conseqüentemente, a imagem corporal, ficam debilitados. Na casa idealizada é possível ter o corpo aceito socialmente – limpo, com roupas limpas, cabelos penteados –, e, por isso, elas demonstram o desejo de estar neste lugar. É preciso lembrar que a realidade da casa que adolescentes de rua idealizam é muito diferente da casa da qual se originaram e, por isso, muitos sonham com a própria casa, espaço que será marcado por regras próprias instituídas por eles mesmos.

9. “... quando eu ficava na rua eu ficava feia pra caramba, magrinha, nó, ficava ridícula, eu já me senti feia.”

Ao comparar o seu corpo, morando em um abrigo, local em que concedeu esta entrevista, com o corpo lembrado de quando morava na rua, a adolescente reforça a rua como o lugar da impossibilidade do cuidado com o corpo. Ao silenciar a maneira como se sente no momento atual e descrever o corpo feio, magro, da época da rua, reafirma que na rua não é possível adquirir uma imagem corporal positiva.

A imagem corporal é um dos fatores que influencia no processo de exclusão social dos adolescentes. É importante lembrar que, ao mesmo tempo, em que este público é excluído da sociedade, é incluído nos grupos da rua por meio da sua imagem corporal, ou seja, a imagem que afasta os adolescentes da sociedade os aproxima da vida nas ruas. Ao mesmo tempo, que parecer um mendigo por estar sujo é ruim aos olhos das meninas que passam na rua, para receber alguma doação na porta de um supermercado esta imagem pode ser a exigência para se conseguir o que deseja. Ao comparar a condição de vida na rua com a condição de vida na casa, percebe-se que a mudança do lugar rua – casa, provoca mudanças na maneira como estes adolescentes se vêem, se auto-representam, influenciando diretamente nos seus processos de inclusão e exclusão social.

Significado representacional

O significado representacional de textos é relacionado ao conceito de discurso como modo de representação de aspectos do mundo (Ramalho & Resende, 2006, p. 70).

Os diferentes discursos não apenas representam o mundo “concreto”, mas também projetam possibilidades diferentes da “realidade”, ou seja, relaciona-se a projetos de mudança do mundo de acordo com perspectivas particulares. As relações estabelecidas entre diferentes discursos podem ser de diversos tipos, a exemplo das relações estabelecidas entre pessoas – discursos podem complementar-se ou podem competir um com o outro, em relações de dominação –, porque os discursos constituem parte do recurso utilizado por atores sociais para se relacionar, cooperando, competindo, dominando. (Resende & Ramalho, 2006 p. 70-71)

A categoria escolhida para a análise do significado representacional foi a de “significado de palavras”, que aqui neste estudo, chamaremos de *denominação*, por acreditarmos que as palavras selecionadas para a análise, não trazem novos significados, mas sim diferentes denominações, atributos, adjetivos.

Um problema imediato para quem estuda a situação política e socialmente constrangedora de haver pessoas que, no contexto da modernidade, são deixadas à margem da mesma modernidade e são lançadas à vida nas ruas é o da denominação que se deve dar a essa situação. [...] Termos como "sem-teto" e "meninos(as) de rua" naturalizam o estado dessas pessoas como condição permanente: não estão sem-teto, são sem-teto; não estão na rua, são de rua (Resende, 2005a, p. 72).

Relações de poder, a partir da categoria denominação.

Com o objetivo de evidenciar as relações de poder estabelecidas nas ruas e também a influência destas palavras na formação de imagens corporais, identificamos as palavras mais frequentes nas entrevistas e se suas denominações convergiam nas vozes dos adolescentes. Após o levantamento da recorrência das palavras, destacamos as três mais relevantes para a análise das relações de poder e vitimização mantidas nos grupos da rua e duas para analisar a influência da linguagem na formação das imagens corporais.

Para analisar as questões relacionadas às relações de poder, selecionamos, com base na recorrência da palavra nos discursos dos informantes, as palavras "namorado", "menino" e "menina". Apresentamos abaixo as diferentes denominações e sentidos atribuídos a tais palavras e analisamos sua utilização na afirmação ou questionamento das relações mantidas na rua.

Denominações e sentidos da palavra "namorado", encontradas nas entrevistas:

10. [...] Faz de conta que aquele menino ali (aponta para um menino do grupo) é meu namorado, aí ele manda só em mim, mais ninguém. Só manda em mim...;
11. [...] Porque eu tenho que respeitar ele, ele é meu namorado e eu tenho que obedecer ele, ele me ajuda [...]
12. [...] às vezes, o meu namorado vai ali e arruma um dinheiro, traz para mim, aí eu compro um negócio para mim comer [...]
13. [...] não comprava a briga de todas, mas comprava a da mulher dele [...]

Após a categorização das palavras e suas respectivas denominações e sentidos, podemos afirmar que para as adolescentes em situação de rua, a denominação "namorado" é a que mais representa relações de poder. Analisando as falas das informantes vimos que o namorado era aquele que: mandava, devia ser obedecido, que ajuda, que arruma dinheiro, que compra briga e que também é o dono. Não resta dúvidas de que as adolescentes reconhecem

que são os meninos que mandam no universo da rua, através da força física e das relações de dependência estabelecidas. O “namorado”, para a maioria das adolescentes, é aquele que garante a sua sobrevivência e proteção no universo da rua, não diferente da relação do marido e mulher, no universo da casa, onde o marido é quem garante a proteção e a sobrevivência da esposa.

Denominações e sentidos da palavra “meninos”, encontradas nas entrevistas:

14. [...] mas tinha os meninos que mandavam [...] Ah eles eram muito folgados, gostava de mandar, bater nos outros, pagava tipo gatão né [...]

15. [...] os meninos, que trabalhava, pedia, pra comprar larica,¹¹ pão [...]

16. [...] os meninos mandam mais que as meninas [...]

17. [...] por que os meninos não deixava ninguém encostar a mão [...]

Para o adolescente morador de rua, os sentidos da palavra “meninos” o remete para as relações de poder que os meninos do grupo da rua mantinham sobre as meninas na mesma situação e também sobre os meninos mais “fracos”, conforme alguns atributos destacados: *mandava, trabalhava, gostava de escamar*, nos remetendo ao modelo em que o homem é o provedor e ao mesmo tempo pode exercer o domínio sobre os mais fracos, principalmente por meio da desvalorização destes. Para as adolescentes, o sentido da palavra “meninos” também remete a formas de proteção e poder, só que em um grau menor do que o sentido da palavra “namorado”.

Denominações e sentidos da palavra “meninas”, encontradas nas entrevistas:

18. [...] elas ficava parada né, menina, só nós mesmo, os meninos, que trabalhava, pedia [...]

19. [...] tinha umas lá, que ficavam com os meninos lá [...]

20. [...] tem menina aí na rua que é cheia de AIDS, esses negócios, um bocado de negócio, menina que não gosta nem de tomar banho.

21. [...] as meninas assim, que eles ajudavam porque é mulher [...]

As relações de poder estabelecidas pelos adolescentes sobre as adolescentes na rua podem ser confirmadas por meio dos atributos destacados pelo entrevistado para a palavra “meninas”: *ficava parada, nós trazia, elas ia e comia*. Outro fato que chama a atenção com relação à representação do menino diante das meninas em situação de rua foi a desvalorização em relação

¹¹ Qualquer alimento ingerido para matar a fome após o uso de drogas.

à imagem corporal: *cheia de AIDS, não gosta de tomar banho*. O entrevistado não se diz constrangido por estar sujo diante das adolescentes moradoras de rua, mas em alguns trechos afirma que gostaria de estar limpo para que as “meninas da casa” não olhassem para ele como se este fosse um mendigo. Essa vergonha surge quando um indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é indesejado e pode imaginar-se como um não-portador dele (GOFFMAN, 1988, p.17).

Os sentidos da palavra “meninas” confirmam o lugar estabelecido para a mulher na rua: *são aquelas que recebem mais proteção, que ninguém encosta a mão e são ajudadas por sua condição de mulher*. Não muito diferente das relações estabelecidas por homens e mulheres no universo da casa.

Chama a atenção o fato de as meninas moradoras de rua, em nenhum momento, falarem sobre o que dão em troca da proteção recebida dos meninos. Mas o adolescente morador de rua não esconde que estas *ficavam com os meninos* em troca do que recebiam. Isso nos mostra que é por meio da utilização do corpo que muitas meninas conseguem sobreviver na rua, ambiente em que a lei do mais forte predomina, e no qual o corpo pode se transformar ou ser transformado em moeda de troca, garantindo a sobrevivência física e moral dos mais fracos.

Formação da imagem corporal

Para analisar as questões relacionadas à formação da imagem corporal, selecionamos as duas palavras que mais foram utilizadas para representar a auto imagem dos adolescentes: as palavras “bonito(a)” e “feio(a)”. Abaixo apresentamos os usos e sentidos de tais palavras e discutiremos suas influências na formação das imagens corporais utilizadas pelos informantes.

Usos e sentidos da palavra “bonito” ou “bonita” para os adolescentes:

22. [...] Fazer uma cirurgia na minha perna [...] Porque a minha perna é queimada...
23. [...] Lavo o rosto, o pé quando tá muito sujo, a mão, quando vou sair [...]
24. [...] se eu não tivesse na rua eu ia estar diferente, eu ia tá mais bonita, mais arrumadinha, aí na rua não dá né [...]
25. [...] quando eu quero ficar bonita eu compro “canecalom” e ponho [...]

Com relação à palavra “bonito” e seus usos, para o adolescente, a beleza está relacionada à higiene pessoal: *lavar o rosto, o pé, a mão*, reafirmando

o discurso de que homem não precisa se *enfeitar* muito e sim estar limpo. O entrevistado reconhece que o fato de morar na rua o impede de estar limpo a maioria do tempo e que isso o exclui de um convívio social harmônico, pois sujo, os outros olham. Apesar de não gostar de estar sujo sabe que a sujeira impregnada no corpo o ajuda a "ganhar" comida, dinheiro, cigarro, na rua. Afirma que se acha bonito, mas gostaria de "apagar" do seu corpo uma enorme cicatriz que tem na perna e que tem vergonha de mostrá-la. Essa vergonha surge quando um indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é indesejado e pode imaginar-se como um não portador dele (GOFFMAN, 1988, p.17).

As meninas foram influenciadas pelos locais em que se encontravam no momento da entrevista: umas estavam morando na rua e outras em abrigo. Para as meninas do abrigo, que já gozam do direito ao cuidado do corpo – banho, lavar o cabelo, cuidar da pele, das unhas, de uma boa alimentação – as questões relacionadas à beleza dizem respeito às qualidades internas da pessoa, tais como, *humildade, vergonha e compreensão*.

Para as que moram na rua, ficar bonita ou ser bonita está relacionado ao cuidado com o corpo e com a imagem que este corpo reflete. *Arrumar o cabelo, se arrumar mais, tomar banho, ficar cheirosinha*, são alguns cuidados e mudanças necessários para ficar bonita, o que a vida na rua as impede de alcançar. Quando alcançam, estão sendo providas pelo namorado ou por outro homem. Compram "*canecalom*" e alongam os cabelos e procuram mudar o estilo, ser mais femininas, pois a vida na rua as torna muito masculinas, principalmente no vestuário. Este vestuário é uma das estratégias de resistência das meninas, pois usar bermudões, camisas largas, protege o corpo do desejo alheio.

Todas as meninas disseram que se achavam bonitas e a maioria justificou sua opinião com um questionamento: "[...] se eu não me achar bonita quem vai me achar?". Achar-se bonita na rua é uma maneira de se defender do olhar preconceituoso do "outro".

Usos e sentidos da palavra "feio" ou "feia" para os adolescentes:

26. [...] eu fico com a maior vergonha, na rua, todo sujo, as meninas passa e fica olhando nó, aquele dali deve é o maior mendigo [...]

27. [...] não gosto da minha bunda não gosto dos meus peitos (risos). Nem bunda eu tenho, nem peito [...]

28. [...] meu cabelo estava todo amarelo, aí eu falei assim: nó, que cabelo de fogo. Eu sou feia pra caralho fí...

29. [...] me via toda drogada, toda feia [...]

O que faz com que o menino se sinta “feio” são também características relacionadas à higiene pessoal: *estar sujo, parecer cagado e parecer um mendigo*. Estas representações são produzidas a partir do olhar do outro. A rede de troca de palavras e olhares na rua escreve no corpo e, conseqüentemente, na imagem corporal dos adolescentes, os estigmas mantidos pela sociedade, excluindo esses menores do convívio social harmônico.

A “feióra” no discurso das meninas pode ser dividida em dois tipos de discurso: para as *que moram em abrigo*, sentir-se feia está relacionado ao uso de drogas: “fíner”. *Usar droga é algo que acaba com a pessoa, atrapalha a saúde*. Volta o discurso da nova rede de socialização proporcionada pela vida no abrigo. Para as meninas que *moram na rua*, o sentir-se feia está relacionado a alguma característica física. Para não ser “feia” tem que mudar a “a bunda”, “o peito”, “o cabelo”. Esse discurso também é influenciado pela rede de discurso a que tais meninas têm acesso, na rua, com os transeuntes, por meio das imagens, olhares.

Considerações finais

Como Fairclough (2003) registra, não existe análise objetiva de textos, uma vez que não é possível descrever o que se representa em um texto sem que a subjetividade do(a) analista participe da análise. A escolha das questões a serem respondidas demonstra as motivações particulares da análise, visto que delas derivam (RAMALHO & RESENDE, 2006, p. 141). A escolha deste tema para o trabalho em questão revela a relação da nossa prática educativa direcionada para os adolescentes moradores de rua e com o trabalho de pesquisa na linha de gênero.

Em relação à auto representação, durante a sua permanência na rua, os informantes não conseguem formar uma auto representação de si, uma vez que precisam encenar papéis diferentes a cada momento e situação, sendo *pivete, pedinte, provedor, vítima, agressor*, como estratégia de sobrevivência no mundo das ruas.

Dos traços de poder desvelados a partir a análise do discurso infere-se que a rua é o lugar do mais forte, mais corajoso, daquele que exerce domínio sobre os mais fracos para garantir seu lugar de liderança e também para conseguir o que deseja. Nesse espaço, os meninos exercem poder sobre as meninas, físico e moral, por meio das surras e também da comida, da proteção, da troca de carinhos. As meninas também exercem seu poder sobre os meninos, mediante

a entrega do corpo feminino, das carícias e da aceitação do papel da mulher dentro do grupo, reproduzindo muitas vezes as relações homem-mulher, do universo da casa.

Adolescentes moradores de rua são excluídos socialmente pelo distanciamento de suas *imagens corporais* construídas no universo da rua diante das imagens aceitas socialmente. Para que sejam incluídos, os mesmos devem mudar sua condição de moradia nas ruas para a moradia na casa – abrigo. Nesse novo contexto, uma autoimagem positiva se constrói, por meio da garantia de acesso a instituições socializadoras, tais como, a escola, cursos, os vizinhos, a uma rede de troca discursiva que vai montando, por meio dos diálogos, um novo sujeito, protagonista de novos papéis sociais, novos discursos, novas ações, novas representações de corpo e de mundo. Entretanto, a atração exercida pela rua parece ser mais forte que a inclusão das políticas sociais voltadas para a ressocialização desse público.

Abstract: The objective of this study is to describe the self-representation of street teenagers and to analyze how this self-representation can shape roles in the daily relationships. Through qualitative observation, we focus on the discourses of the informers and their social practices. The instruments used to collect the data were the script of the interview and the field diary, with observations and descriptions of the environment researched. We used the proposal of Goffman (1988) and the one from the critical analysis of the discourse (Resende & Ramalho - 2006) to interpret the senses of the body image and its forms of "use" in the social relations. We highlight the difficulty of formation of the self-image in the street universe, place in which the body is used as a resource to guarantee the physical and moral surviving of the characters which can be found there.

Keywords: street teenagers, body image, victimization, critical analysis of discourse

Recebido em abril de 2009 e aceito para publicação em junho de 2009.

Referências

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. London: Routledge, 2003.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*; trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2007 14 ed.

_____. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988 4 ed.

RESENDE, Viviane de Melo. M. *Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo: o discurso sobre a infância nas ruas*. Brasília: UnB, 2005 Dissertação (Mestrado em Linguística).

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1995. (primeira edição 1908)

SCHILDER, Paul. *A Imagem do corpo: As energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VOTRE, Sebastião Josué; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. *Em busca de princípios e procedimentos*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, v. 28, p. 209-216, maio. 2007.

STOER, Stephen R; MAGALHÃES, Antônio M; RODRIGUES, David. *Os lugares da exclusão social: um dispositivo de diferenciação pedagógica*. São Paulo: Cortez, 2004.